

O contexto familiar e o contexto de creche: cruzamento de dois olhares

Patrícia Marcelino, IPLeiria, NIDE¹, GPC²
Verónica Fonseca, IPLeiria, NIDE¹, GPC²
Sónia Correia, IPLeiria, NIDE¹, GPC²
Isabel Simões Dias, IPLeiria, CIEQV³, NIDE¹, GPC²

Investigação,
Práticas e Contextos
em Educação
09 e 10 maio 2014
Escola Superior
de Educação
e Ciências Sociais

¹ Núcleo de Investigação
e Desenvolvimento
em Educação

² Grupo Projeto Creche

³ Centro de Investigação
em Qualidade de Vida

Resumo

Neste relato partilhamos o olhar de duas educadoras de infância sobre o tipo de experiências vividas por duas crianças com a mesma idade cronológica, uma em contexto creche e outra em contexto familiar.

Palavras-chave: Criança, creche, família.

Abstract

In this report we share the vision of two kindergarten teachers about the kind of experiences of two children with the same age, one in kindergarten context and one in a family context.

Keywords: Child, daycare, family

Cruzamento de dois olhares sobre a criança de 1 ano

A oportunidade de integrar o Grupo Projeto Creche (GPC), na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Instituto Politécnico de Leiria (ESECS-IPL) tem-nos permitido trilhar caminhos para uma reflexão e investigação mais aprofundada sobre as questões educativas da primeira infância. Sendo educadoras de infância a vivenciar experiências distintas de contacto com crianças de 16 meses (uma é educadora numa Instituição Particular de Solidariedade Social da região de Leiria e outra está desempregada, em casa, com o filho), decidimos, este ano, encetar uma experiência de reflexão sobre as experiências educativas de duas crianças, uma em contexto familiar (criança A) e outra em contexto institucional (criança B). Queríamos perceber o dia-a-dia destas duas crianças com a mesma idade cronológica, do mesmo sexo, mas em contextos diferentes. Decidimos, por isso, documentar as suas experiências ao longo de dois dias (dia 10 e 11 de outubro de 2013), fazendo notas descritivas de todas as suas ações (do que se via, ouvia e experimentava), numa lógica de observação participante (Sousa, 2009; Bogdan & Biklen, 1994). Estes registos foram partilhados entre nós, revelando dados diferentes ao nível das interações: i) a criança A interagiu com o adulto de referência, esteve fisicamente próximo dele e, com ele, partilhou experiências do quotidiano familiar. Na creche, as interações da criança B com o adulto revestiram-se de preocupações com a segurança e a rotina (alimentação e higiene); ii) no que diz respeito à *relação entre pares* a criança A não teve oportunidades de interagir com pares, ao contrário do que aconteceu com a criança B; iii) no que respeita ao espaço, a criança A teve oportunidade de explorar espaços distintos (espaços interiores e exteriores), experimentando a sua autonomia e independência. A criança B, consignada ao espaço da sala de atividades/sala polivalente e fraldário, procurou essa mesma autonomia e independência, mas com menos diversidade de espaços/desafios; iv) no que diz respeito à *interação com os materiais*, a criança A teve oportunidade de contactar livremente com materiais do seu quotidiano, incluindo elementos naturais (terra, paus, pedras, areia), explorando-os com tempo e reinventando funcionalidades. A criança B interagiu livremente com os materiais que a sala de atividades dispunha, não havendo oportunidade para descobrir novos materiais.

Ao nível da alimentação, a criança B, comparativamente à criança A, revelou uma maior autonomia à hora da refeição, utilizando os talheres de forma autónoma. A criança A teve a oportunidade de acompanhar o processo de confeção da sua refeição (viu, cheirou, acompanhou os diferentes passos da preparação do seu prato), mas não utilizou os talheres de forma autónoma. Outra diferença verificada foi ao nível do controle esfinteriano, a criança B realizou este treino e a criança A não.

Com esta experiência, i) percebemos que, para o Educador de Infância, o número de crianças (por sala, em contexto de creche ou individual, em contexto familiar) influencia a interação com os adultos, os pares, o espaço e os materiais, fazendo-nos refletir sobre o tipo de experiências que proporcionamos às crianças e sobre as suas implicações no desenvolvimento e aprendizagem de cada uma delas (Portugal, 2011; Post & Hohmann, 2007); ii) reafirmámos o papel da observação/registo e da partilha/reflexão conjunta na construção de uma ação educativa ajustada às crianças com as quais lidamos diariamente, numa lógica de professor reflexivo (Alarcão, 1996) e iii) levantámos novas questões: como ajustar a minha ação no sentido de uma atenção mais individualizada a cada criança? Qual a importância da interação com os pares nestas idades? Como ampliar as oportunidades de interação com espaços e materiais do meu filho/do meu grupo? Estas questões tornam-se numa fonte de inspiração para dar continuidade a esta aventura, uma aventura que apesar de muito particular, pode inspirar a outras reflexões por parte de outros educadores, podendo assim constituir-se como um contributo para a Educação de Infância.

Referências bibliográficas

- Alarcão, I (1996). *Ser professor reflexivo*. In Alarcão, I (org.). *Formação reflexiva de professores – estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Bodgan, R. & Biklen, S. (1994) *Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Portugal, G. (2011). *No âmago da educação em creche – o primado das relações e a importância dos espaços*. In: Conselho nacional de educação (org.) *Actas e Seminário - Educação das crianças dos zero aos três anos*. Lisboa: Ministério da Educação
- Post, J. & Hohmann, M. (2007). *Educação de bebés em infantários – cuidados e primeiras aprendizagens* (3.ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Sousa, A. B. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.